

Abel¹

Antonio Lopes dos Santos JÚNIOR²

Lílian Solá SANTIAGO³

Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, Salto, SP

RESUMO

Este trabalho aborda os métodos utilizados na estruturação e na concepção de ideias da narrativa do roteiro de curta-metragem “Abel”, tal como um breve resumo da obra, suas referências e a listagem dos principais símbolos visuais e metáforas apresentados no roteiro. Com um enredo que traz, como *storyline*⁴ a história de um garoto que carrega consigo a culpa (indevida) da morte do irmão e vai atrás da verdade, com o auxílio de um amigo, para questionar as mentiras de sua mãe, que o fizeram acreditar ser um assassino, o roteiro busca, através dos elementos fílmicos e imagéticos que o compõe, defender uma obra que trabalhe primordialmente o valor dramático da imagética e dos símbolos visuais na narrativa cinematográfica. O presente trabalho também espera deixar evidentes os diálogos que o roteiro mantém com esses elementos.

PALAVRAS-CHAVE: culpa; curta-metragem; ficção; memória; roteiro.

INTRODUÇÃO

“Abel” é um roteiro desenvolvido para o formato de curta-metragem, cujo enredo é a história de um jovem garoto, de mesmo nome, que carrega desde a tenra infância a culpa pela morte do irmão gêmeo. Essa culpa, enfatizada pela mãe que sofre um exacerbado desgosto pelo garoto, é confortada pela presença do seu melhor amigo. Entretanto, quando o amigo muda-se para o litoral, Abel fica totalmente desamparado. Ele então sai da zona de condicionamento psicológico no qual sua mãe lhe colocou para buscar a verdade sobre a morte do irmão, e descobre que ele não teve nada a ver com o caso. No final, há um confronto entre o jovem e sua mãe, e a conclusão do filme dá-se com o garoto abandonando a sua casa, sem destino certo.

O curta-metragem foge da linearidade ao concatenar o tempo real da diegese com cenas de memórias, nas quais aparece o amigo. Apesar de ser peça fundamental nas

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Roteiro.

² Aluno líder e estudante do 5º. Semestre do Curso de Cinema & Audiovisual do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, e-mail: junior@videocassete.net

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Cinema & Audiovisual do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, e-mail: liliansantiago@superig.com.br

⁴ *Storyline* é a mais curta síntese da história. Em longas metragens, ela tem, geralmente cerca de cinco linhas.

decisões de Abel, o amigo não está presente no tempo em que a ação central do roteiro se discorre. Sendo as memórias uma seleção subjetiva do personagem principal, ou seja, sendo elas uma seleção de acontecimentos passados que o personagem principal traz à tona para suprimir algo que lhe falta, a história assume um tom existencialista, na qual o garoto dialoga consigo sobre a necessidade de libertar-se da situação anestésica que lhe traz tristeza e incompetência de agir no mundo.

As vertentes temáticas do roteiro surgem de influências de filmes como *Infância Nua*⁵ e *Os Incompreendidos*⁶. Em ambos os filmes, temos personagens cujos relacionamentos familiares e sociais lhe caracterizam necessidades de transcender o usual e fugir, ou de libertarem-se. Ao passo que o personagem do roteiro “Abel” identifica-se mais com o *Antoine Doinel* de *Os Incompreendidos* em sua busca ingênua pela liberdade, ao mesmo tempo em que tenta adaptar sua relação com a mãe à sua necessidade, o universo de Abel aproxima-se mais do universo de *François*, no filme de *Maurice Pialat*: um mundo frio, duro, sem muitos contatos interpessoais.

OBJETIVO

O roteiro foi desenvolvido, inicialmente, para ser realizado e produzido na Agência Experimental da Faculdade de Comunicação, Artes e Design do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio. Entretanto, no mesmo ano, o autor envolveu-se em outro projeto, postergando a produção do roteiro para o final de 2012. O objetivo primordial, no desenvolvimento da história e das figuras imagéticas que compõe o roteiro, foi criar com excelência, um enredo bem constituído tecnicamente, utilizando-se das teorias fundadas por Syd Field e Doc Comparato na concepção dos elementos que fazem o enredo avançar, e por Joseph Campbell, na concepção dos seus personagens e nas trajetórias que eles tomam ao longo da história; e que abordasse um tema universal, de fácil difusão cultural e que valorize os recursos e as funções da composição da imagem como elemento narrativo através da inserção de símbolos e metáforas.

⁵ *L'Enfance Nue* (1968), filme do diretor francês Maurice Pialat, onde François, o jovem protagonista, não consegue adaptar-se a nenhuma família que tenta cuidar dele.

⁶ *Les Quatre Cents Coups* (1959), um dos mais importantes filmes da Nouvelle Vague francesa, dirigido por François Truffaut. Narra as desventuras de Antoine Doinel, que é negligenciado pelos pais e repudiado pela sociedade.

JUSTIFICATIVA

O roteiro “Abel” foi realizado para que se possam ser feitas novas experimentações de linguagens cinematográficas, em busca de um texto que valorize, sobretudo, a força narrativa da imagem e dos símbolos audiovisuais, projetando o cinema universitário dentro e fora do país, com a vantagem de ter um tema universal como centro do enredo. O tema não focou especificamente a cultura de raiz dos nossos povos justamente pelo fato da preocupação principal do roteiro ser a experimentação fílmica e artística - busco delinear uma história bem articulada, na tentativa de fazê-la reconhecida internacionalmente.

Na necessidade de discorrer um roteiro que trabalhasse temas universais, o autor passou por uma série de processos que serão mais bem explicados adiante até conceber a versão final da obra. Mas o elemento chave, que fez com que o desenvolvimento do roteiro acontecesse foram a ideia e o argumento, atrelados às necessidades de linguagem cinematográfica esclarecidos há pouco. A partir da ideia, que foi trabalhada para que a composição da história, desabrochada da temática e das referências, adquirisse a originalidade almejada, surgiu o argumento. O argumento, que é uma *storyline* mais desenvolvida – em outras palavras, um resumo detalhado da trama – nem sempre é necessário para a redação de um curta-metragem, pois ele está mais ligado a uma apresentação mercadológica do produto que o roteirista espera, em seu formato filmado. Entretanto, como pode facilitar os processos de redação, o autor optou por fazê-lo, ainda que simples, sendo, em alguns pontos, uma simples escaleta⁷. Ao final do processo de concepção do argumento da narrativa, ele mostrou-se bem estruturado e apto para ser executado tanto o roteiro quanto o curta-metragem, a partir das seguintes problemáticas:

- o objetivo e as características básicas do protagonista devem estar claros: Em “Abel”, o protagonista claramente está lutando contra a culpa que carrega e que lhe oprime diante da sua mãe. Ele, em sua inocência, mostra-se como um garoto submisso e inferiorizado ao desgosto que sua mãe tem por ele;

- o problema apresentado deve, de fato, gerar um conflito e o que acontece no clímax deve ser impactante: A carga emocional acumulada por Abel ao longo da narrativa e da percepção do passado que temos dele é suficiente para culminar em uma confrontação com a mãe onde protagonista maneia a sua vontade de assassiná-la. Se o assassinio houve,

⁷ Escaleta é uma listagem de todos os eventos do filme, no qual o roteirista pode visualizar a obra de forma simplificada e dinâmica.

de fato, não sabemos, pois a resolução, onde o garoto mostra-se em paz consigo mesmo, pode ser interpretado sob o pretexto de que ele livrou-se da culpa de qualquer tipo de homicídio ou de que se livrou da culpa da morte do irmão e, também, do ser que era a sua mãe;

- o motivo pelo qual a história está sendo contada deve valer a pena: Conforme previsto no desenvolvimento da ideia, o roteiro conseguiu concatenar a eficiência narrativa almejada pelo autor, a partir de suas sequências, com as figuras de linguagem cinematográfica que defendem um Cinema de expressão máxima por meio da imagem e do símbolo. Além disso, o tema universal coloca a história em vantagem sob a perspectiva de difusão global, após a produção do curta-metragem.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Segundo Syd Field, o desenvolvimento do roteiro pode começar, se for a preferência do roteirista, pela criação de uma biografia para os personagens. Tendo-se uma ideia do que a história quer tratar, o escritor traça no papel a história de vida de cada um dos indivíduos que compõe a narrativa. Dessa forma foi feito com Abel e o Amigo. A partir de colocações importantes, como o pai de Abel ter morrido antes dele nascer e o garoto ter conhecido o Amigo apenas quando tinha onze anos de idade (fatos que são evidentes no enredo), a personalidade solitária e submissa à cruza da mãe ficam estampados no personagem de forma cônica e atada ao seu relacionamento com o Amigo, que tem um espírito mais aventureiro, ligado à liberdade e que vê em Abel um sujeito que não consegue sobreviver sozinho do mundo e, tanto por dó e afeição quanto por gostar de ser líder, aproxima-se do garoto.

O personagem central tem um objetivo, ou uma motivação, que faz com que a história avance. No caso de “Abel”, esse objetivo é libertar-se da culpa que carrega. Apesar do personagem principal não ter uma ciência clara de que essa culpa lhe é atribuída indevidamente, temos indícios subjetivos, a partir da seleção de memórias do seu amigo, que dentro dele, há certa amargura em ter de sentir-se culpado. Essa é uma busca inconsciente pelo seu objetivo, tal como acontece com o personagem Antoine Doinel, de Os Incompreendidos, que de início, quer ser aceito pela família e pela escola, agindo à esse favor, até, ao perceber que esse não é o seu lugar, desiste. Em “Abel”, a liberdade é o objetivo único da trama. Apesar de cada humano carregar consigo uma gama extensa de vontades e metas, em um curta-metragem (tal como na maioria das obras audiovisuais), é

preciso canalizar apenas um desses objetivos, para que a história tenha unidade. O conflito que esse objetivo gera, necessário para que haja ação, é o próprio fato do garoto estar acomodado na condição que tanto lhe prejudica e ainda ser fortemente influenciado pela mãe, que é a fonte dessa condição.

Então, sabemos quem é o personagem principal e qual a sua motivação (libertar-se da culpa que carrega). Esses são os pontos que podem ser marcados com início e fim da história. O caminho percorrido pelo personagem entre esses dois pontos, pode ser demarcado, no meio do seu curso, por dois pontos de virada. “Um ponto de virada é qualquer incidente, episódio ou evento que é introduzido na ação e acaba por mudar o seu curso” (FIELD, Syd, 2009, p. 152). Ou seja, enquanto nada acontecer para que o personagem mova-se da situação em que se encontra para o que almeja, não há como a história ir adiante. Nem todo filme precisa, necessariamente, estabelecer o diagrama dos três atos. Sendo o roteiro um fruto de um processo artístico e criativo, cabe ao autor, se for o caso, fugir do paradigma para melhor estruturar a sua história, principalmente quando se trata de um curta-metragem, onde muitas vezes o curto espaço de tempo não é o suficiente para apresentar todos os pontos de virada. Quando o roteiro de “Abel” foi estruturado em sua storyline, ele não possuía os três atos tão claros quanto ficaram no momento em que ele foi transportado para a escaleta. Notado que a estrutura da narrativa se aperfeiçoava quando era dividida dessa forma, o autor buscou aprimorar e delimitar melhor esses atos, tal como os eventos que marcariam seus pontos de virada.

Esses dois pontos principais de virada dividem a história em três atos: Apresentação, Confrontação e Resolução. Em “Abel”, a apresentação trata de mostrar a relação que o garoto teve um dia com o seu amigo e a que ele tem com a sua mãe, dentro de casa. A visão de uma casualidade entre um cego e um garoto em um gesto afetuoso (oposto da vida que Abel tem com a sua mãe) marca o primeiro ponto de virada. O segundo é quando um médico amigo da família diz ao garoto que ele não teve qualquer relação com a morte do irmão, e é o fato que marca a culminância da tensão principal, e que irá desencadear uma nova tensão para o ato final do filme, a resolução, onde o garoto confronta a mãe, mostrando-lhe sua injusta infelicidade, e em seguida, foge, para a sua liberdade. O trem é um elemento diegético que liga cada um desses atos, levando o garoto de um lado ao outro da história.

Porém, apenas os acontecimentos cotidianos não são capazes de levar Abel de um lado ao outro da história. Sua personalidade acondicionada ao estado no qual se encontra

não lhe dá motivação o suficiente para mover-se contra a maré. Aqui entra a importância do amigo. Segundo Joseph Campbell, o herói de um conto, em sua jornada, precisa de um mentor, que sustente os motivos do herói para que ele não caia ao longo de seu caminho.

Para aqueles que não recusaram o chamado, o primeiro encontro da jornada do herói se dá com uma figura protetora (que, com frequência, é uma anciã ou um ancião), que fornece ao aventureiro amuletos que o protejam contra as forças titânicas com que ele está prestes a deparar-se. (CAMPBELL, Joseph, 1992, p.74).

A figura do Amigo, espelho da liberdade, pretendida por Abel, surge então, ainda que de forma subjetiva, em suas lembranças, como um reforço durante a sua trajetória. A trajetória deve trazer consigo obstáculos, que devem estar equilibrados com a força do protagonista, para que a história não se torne desinteressante por ser excessiva ou por não ter vida. No caso, os obstáculos que surgem diante de Abel são de cunho psicológico, impostos pela figura da mãe e pelo ambiente, aqueles que forçam ele a assumir a culpa da morte do irmão ao invés de tentar descobrir uma verdade alternativa.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Na concepção do roteiro, a preocupação da narrativa essencialmente imagética é reflexo dos símbolos e referências que compõe o curso da história. Abaixo, alguns desses elementos são justificados:

- Ambientação Interna e Externa:

A liberdade, atada à figura do amigo, leva a relação entre os dois, na memória do garoto, ser estabelecida apenas em lugares abertos, amplos, com vistas ao horizonte. Seja diante de um campo desmatado ou num morro com a cidade sob os dois, ambos sempre estão conversando em locais externos.

As relações entre Abel e a sua mãe, entretanto, dão-se sempre dentro de casa, seja na mesa – um de um lado ou outro de outro, ou em um quarto, tomado pela sombra. O estado confinado é o contraponto da vida que Abel tem em lembranças, com o Amigo.

Quando Abel livra-se da culpa que o aprisiona, ele volta para casa, mas ao invés de voltar para o confinamento, sobe no telhado, de onde tem uma vista ampla. É um marco de quando ele conquista a liberdade, mesmo em casa.

- O Skate:

Alia-se à ideia de liberdade, e de movimento, de libertação da inércia. A ideia é reforçada quando Abel sonha que dentro de sua casa, as rodas do skate estão travadas. Quando ele descobre a verdade sobre a morte do seu irmão, ele tem uma continuação do sonho, onde as rodas destravam.

- O Cego e a Criança:

São dois personagens que surgem no meio da história e que marcam o primeiro ponto de virada. Também é contraponto à vida que Abel leva. Aqui há uma relação sublime, de afetuosidade, que se encontra livre da culpa que o mundo impõe sobre os indivíduos. O cego não enxerga a fumaça de cigarro que solta em cima da criança, mas pode sentir o carinho e a dedicação da criança a conduzir suas mãos na superfície de um brinquedo, enquanto explica-lhe o funcionamento, e, de certa forma, compartilha a sua alegria.

- O Trem:

Também é o movimento. Entretanto, enquanto o skate é o movimento da fuga de Abel, ao lado do Amigo, o Trem é o movimento dele enquanto só. Abel, ainda aquém da resolução de sua culpa, não se sente confortável nesse “movimento”. Por isso, ele passa mal nas duas vezes que toma o trem como condução. Também é o trem que liga os três atos, é ele que faz as transições da história.

- A Gaita e a Música:

O Amigo carrega consigo uma gaita. A música transcende o silêncio do filme, também como reflexo de liberdade frente ao confinamento. Ela é a liberdade em troféu, e só aparece no curta-metragem quando Abel passa do segundo ponto de virada. Ela é a recompensa que o Amigo havia lhe deixado, antecipadamente, mas que no subjetivo de Abel, só se faz valer após libertar-se da culpa, tal como um prêmio.

- O Litoral:

Quando o Amigo vai embora, num passado que se encontra antes do início do roteiro, sua família está de mudança para o litoral. Na concepção de Abel, o litoral é “Onde a terra acaba”. Uma vez que sabemos que o mundo tal como Abel conhece é um lugar distorcido, pela sua culpa, o litoral, para ele, onde a terra encontra o mar, é o fim desses sentimentos. A fuga para o mar mostra-se ambígua, podendo ser tanto uma nova vida quanto o fim da linha. Filmes como *Os Incompreendidos*, de François Truffaut ou *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, possuem essa mesma cena, em ambos os casos,

com duplicidade de significância. Vale lembrar, que apesar de livre da sua culpa, Abel agora está sozinho, sem o Amigo, sem a mãe, o irmão ou o pai para encarar um novo mundo, desconhecido.

- Abel, o título do roteiro e o enredo em diálogo com o conto bíblico:

A escolha do nome Abel para o personagem está fortemente ligada à história bíblica de Abel e Caim, pois ambos trabalham “o primeiro homicídio” e a culpa como uma consequência do ato, seja ela indevida ou não. No roteiro, sabemos que o irmão de Abel teria o nome começado com a letra “C”, devido a um pingente encontrado, e ao contrário do conto bíblico, Abel aqui é o suposto executante do homicídio, e ele que carrega as consequências dessa culpa, sempre atribuídas por um elemento externo.

CONSIDERAÇÕES

Após o roteiro passar pelo tratamento final, no final do ano de 2011, constatou-se que foi válida a postergação de sua produção, pois a versão final está muito mais madura e fechada do que as primeiras versões dele. No momento, está sendo elaborado, antecipadamente, um projeto para inscrição da obra no Prêmio Estímulo para produção de curta-metragem do Estado de São Paulo, e, independente do prêmio, o autor almeja produzir e dirigir o curta-metragem com o máximo de empenho, para que o produto final seja a primeira tradução de suas reflexões acerca do cinema, com o intuito de colaborar com novas propostas de linguagem fílmica para o cinema contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYÃO, Luiz Gustavo. *Escrevendo Curtas – Uma Introdução à Linguagem Cinematográfica do Curta-Metragem*. Rio de Janeiro, L. G. Bayão, 2002.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo, Cultrix, 1992, p. 74

CAMPOS, Flávio de. *Roteiro de Cinema e Televisão*. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2007.

COMPARATO, Doc. *Da Criação ao Roteiro: Teoria e Prática*. São Paulo, Ed. Summus, 2009.

COMPARATO, Doc. *Roteiro – Arte e Técnica de Escrever para Cinema e Televisão*. Rio de Janeiro, Ed. Nórdica. 1983.

FIELD, Syd. Os Exercícios do Roteirista. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 1996.

FIELD, Syd. Roteiro – Roteiro - Os Fundamentos do Roteirismo. Curitiba, Arte & Letra, 2009, p.152

HOWARD, David & MABLEY, Edward. Teoria e Prática do Roteiro. Rio de Janeiro, Ed. Globo, 1996.

MCKEE, Robert. Story: Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro. Curitiba, Ed. Arte & Letra. 2007.